



BOLÍVIA E BRASIL: OS MEANDROS DO CAMINHO

Carlos D. Mesa Gisbert

Sumário – Working Paper nº 13, julho de 2011



www.plataformademocratica.org

Bolívia e Brasil: os meandros do caminho

Carlos D. Mesa Gisbert*

Sumário

Vocação para o Pacífico e vocação para o Atlântico

Para entender a importância das relações entre o Brasil e a Bolívia, é fundamental partir das tensões pendulares que a Bolívia sofreu desde a sua criação como república. Sua tendência natural tem sido ao Pacífico, em virtude de possuir um litoral nesse Oceano desde seu nascimento e em função da preeminência da área andina. Mas a perda de seu acesso ao Pacífico em 1879 e o crescimento do oriente na segunda metade do século XX voltaram os olhos bolivianos para o Atlântico.

As turbulências do passado

As relações boliviano-brasileiras têm sido sobrecarregadas por conflitos de limites que têm se traduzido em fatos que deixaram na Bolívia a ideia de que o Brasil possui uma vocação expansionista. Em 1825, o Brasil pretendeu anexar a região de Chiquitos. Em 1867, ambas as nações firmaram um tratado pelo qual a Bolívia cedia um território de cerca de 100.000 km². Entre 1900 e 1903, a riqueza da borracha levou a um conflito regional que se transformou em uma guerra. O resultado foi a perda, pela Bolívia, de grande parte do Acre (quase 190.000 km²).

Na outra face da moeda, a ferrovia Corumbá-Santa Cruz, inaugurada em 1958, contou com importante contribuição brasileira, fundamental para o desenvolvimento do departamento de Santa Cruz. Em 1999, foi inaugurado o gasoduto Bolívia-Brasil, que gera para a Bolívia um de suas principais rendimentos de exportação.

As relações comerciais hoje

A agenda entre ambos os países está fortemente condicionada pelo gás. As exportações bolivianas ao Brasil chegaram, em 2010, a 2.400 milhões de dólares, dos quais 2.300 foram produto da venda de gás. Isto equivale a quase 35% do total das exportações bolivianas. O Brasil, por sua vez, vende à Bolívia 1.000 milhão, uma grande parte deles em bens de capital, um pouco menos de 0,5% de suas exportações.

* Ex-presidente da Bolívia.

Lula e a Bolívia I

Desde o princípio, baseado na identidade ideológica, Lula apoiou Evo Morales e sua liderança, e respaldou fortemente o governo boliviano. No entanto, o Brasil buscou claramente, acima de tudo, a garantia de estabilidade política e de desenvolvimento econômico da Bolívia a fim de assegurar uma estabilidade regional indispensável aos interesses brasileiros e do próprio continente. A imagem do Brasil, por sua vez, se fortaleceu na Bolívia devido à simpatia dos bolivianos pela figura de Lula.

“Nacionalização”, “imperialismo” e uma crise

O momento mais crítico da relação foi quando Morales decidiu “nacionalizar” os hidrocarbonetos, o que foi, na realidade, um incremento relativamente significativo de impostos sobre as companhias de petróleo. A tomada física, com apoio de militares, de uma refinaria da Petrobrás gerou uma tensão muito grande entre ambos os países e pôs à prova Lula, que preferiu uma resposta moderada. A decisão demonstrou ser a mais adequada, e já em 2007 a normalidade e a reativação de uma agenda de confiança dominou o cenário entre ambos os governos.

Lula e a Bolívia II. A hora dos resultados

O saldo dos ganhos e avanços concretos no período 2006-2011 não foi tão auspicioso como se poderia pensar à primeira vista. O Brasil não pôde consolidar um desenvolvimento de investimentos estatais e privados na Bolívia que correspondesse às expectativas e à natureza estratégica do país vizinho. Expulsão de empresas brasileiras e tentativas frustradas de iniciar investimentos massivos de capitais brasileiros não prosperaram, apesar da decisão política de Lula de levá-los adiante.

Chávez-Morales. Da lua de mel a um matrimônio entre iguais

Os vínculos Chávez-Morales tiveram duas fases. A primeira (2006-2009), com forte influência venezuelana e cubana, traduzida em uma subordinação da política externa boliviana às linhas mestras do chavismo e em uma presença muito significativa de Cuba e da Venezuela nos aparatos de segurança e inteligência da Bolívia. O apoio econômico venezuelano foi decisivo nessa etapa.

Na segunda fase, Morales assumiu uma liderança mais independente, com agenda própria, em busca de uma liderança indígena na região, assim como a proposta de uma agenda de meio-ambiente contestatória, baseada na valorização da filosofia andina da harmonia homem-natureza.

A sempre conflituosa relação com os Estados Unidos

A influência dos Estados Unidos diminuiu significativamente na Bolívia. O governo de Morales protagonizou o maior esfriamento histórico das relações com Washington desde a expulsão do embaixador desse país e da DEA em 2008.

A coca: tema central das relações externas da Bolívia, o novo papel do Brasil

Dada à origem do governo (Evo Morales é líder dos produtores de coca, ilegal no país), a produção de coca é, sem dúvida, o tema mais sensível das relações exteriores da Bolívia. No último quinquênio, a produção de folha de coca aumentou tanto quanto a produção de drogas.

Dado que o Brasil é o principal receptor dessa produção, o tema é muito sensível na agenda bilateral.

Os outros atores

Não se pode perder de vista nesse cenário a importância crescente dos interesses chineses na Bolívia, sobretudo para quem vem tentando ser um ator importante em novos empreendimentos como a exploração do lítio.

Os desafios de Rousseff e Morales

1. O novo papel do Brasil diante da diminuição evidente da influência dos Estados Unidos.
2. Uma estratégia comum indispensável para demarcar adequadamente a luta contra o narcotráfico.
3. O efeito da irrupção de novos jogadores extrarregionais, particularmente a China.
4. Como mudar a ideia subjacente de que existe, no Brasil, uma intenção de domínio hegemônico e expansionista em direção à Bolívia.
5. Definir uma estratégia entre ambas as nações para viabilizar a potencialidade de investimentos brasileiros na Bolívia.

O AUTOR

Carlos D. Mesa Gisbert é historiador, jornalista e político. Foi Presidente e Vice-presidente da Bolívia, assim como também Presidente do Honrável Congresso Nacional da Bolívia no período 2002-2005. Convocou uma Assembleia Constituinte. Modificou a política nacional de hidrocarbonetos, viabilizou a eleição direta de governadores em direção às autonomias. Desenvolveu, durante um quarto de século, intensa atividade jornalística. É autor de treze livros e de mais de uma centena de documentos histórico-jornalísticos para a televisão.